

Algumas considerações sobre os dons ou virtudes profissionais do auditor, com realce da perspicácia

Hamilton Parma*

Pouco se diz a respeito das qualidades necessárias ao auditor para o seu exercício profissional. Os comentários normalmente feitos circunscrevem-se aos estudos de graduação e ao registro do diploma no Conselho Regional de Contabilidade. A habilitação legal não tem o condão de transformar o graduado em um excelente profissional. Em todas as profissões há específicas habilidades que, ausentes, não projetam no meio da comunidade o profissional e nem lhe proporcionam a necessária segurança ou especialização. No campo da auditoria há preocupações quanto ao treinamento, ao desenvolvimento, à educação continuada. Normas técnicas já definem determinados comportamentos. Vejamos algumas.

Normas técnicas relativas à pessoa do auditor

A Resolução CFC nº 321, de 14 de Abril de 1972, Conselho Federal de Contabilidade, no título "Conceituação e Síntese das Normas", seção "Normas Relativas à Pessoa do Auditor", encontramos: "... b) o auditor deve ser independente em todos os assuntos relativos a seu trabalho. c) o auditor deve aplicar o máximo de cuidado e zelo na realização do exame e na exposição de suas conclusões."

No título II - "Normas Relativas à Pessoa do Auditor", itens 2 e 3, encontramos:

"2 - A educação formal e a experiência profissional do auditor se complementam. Assim, ao exercer a supervisão sobre seus subordinados, o auditor deverá apreciar conjuntamente esses atributos, a fim de determinar a extensão dessa supervisão e a profundidade da revisão de seus trabalhos. Entende-se por experiência profissional o conhecimento atualizado das normas e procedimentos de auditoria, dos princípios contábeis, das modernas técnicas empresariais e dos processos evolutivos ocorridos em sua profissão."

"3 - O auditor deve expressar sua opinião baseado nos elementos objetivos do exame realizado: não pode se deixar influenciar por fatores estranhos à sua ponderada interpretação dos elementos examinados, por preconceitos ou quaisquer outros fatores materiais ou afetivos que pressuponham perda de sua independência."

A orientação Internacional de Auditoria do Comitê Internacional de Práticas de Auditoria, da IFAC (Federação Internacional de Contadores), intitulada "Princípios Básicos que regem a Auditoria, em seu item nº 5, constitui:

"O auditor deve ser objetivo, honesto e sincero ao focar o seu trabalho profissional. Ele deve ser justo e não permitir que qualquer prevenção ou influência interfira com sua objetividade. Deve sempre manter atitude de imparcialidade e independência, devendo aparentar e ser livre de qualquer interesse que possa ser encarado como sendo incompatível com sua integridade e objetividade."

No tópico relativo a "Habilidades e Competência", diz: "7 - A auditoria deve ser realizada, e o relatório preparado, com o devido cuidado profissional por pessoas que tenham treinamento adequado, experiência e competência em auditoria"; 8 - O auditor necessita de habilidades especializadas e competência, as quais são adquiridas através de combinação de cultura geral, conhecimentos técnicos obtidos por estudos e cursos formais concluídos mediante exame de habilitação e experiência prática sob supervisão adequada. Além disso, o auditor necessita estar constantemente a par da evolução profissional, inclusive de pronunciamentos

internacionais e nacionais sobre assuntos de contabilidade e de auditoria, assim como regulamentos relevantes e exigências regulamentares."

A Circular nº BCB 179/72 (Banco Central do Brasil), de 11 de Maio de 1972, estabelece:

"XII - Os procedimentos de auditoria - assim entendidos como o conjunto de investigações técnicas com o intuito de reunir conhecimentos e provas que possibilitam ao auditor formar opinião sobre as demonstrações contábeis examinadas - serão aplicados com base nos critérios estabelecidos pelo Instituto de Auditores Independentes do Brasil, que não colidam com as normas baixadas por este órgão."

A par de aflorar determinados padrões, nessas normas vemos subjacentes as necessárias capacidades para o exercício profissional. De fato, além da menção expressa, muitos outros atributos são necessários. O Prof. A. Lopes Sá, com muita propriedade, disse em excelente artigo publicado no "Diário do Comércio" de 23 de maio de 1985, denominado "Auditoria: capacidade Individual e Compromisso Social":

"O exercício das profissões tem tudo a ver com os indivíduos que a exercem, pois tais serviços são produtos de homens. O emprego da tecnologia depende de elementos que só o homem produz e que são os relativos à criatividade, perspicácia, argúcia, ...".

E continua o mestre:

"Por isso, só a capacidade individual permite ir onde os "padrões" de trabalho não conseguem chegar e estes são as barreiras e os limites entre o objetivo e o subjetivo. A auditoria, em mãos competentes, tem condições de detectar qualquer tipo de fraude, em qualquer lugar. Dizer-se que a auditoria não pode resolver a questão da fraude poderia até ser aceitável, mas, que um auditor capaz não possa fazê-lo, é desmerecer a capacidade humana e a tecnologia contábil."

Considerações gerais sobre as capacidades do Auditor

Sabemos nós que o exercício profissional da auditoria cerca-se de inúmeras condições, algumas delas até de ordem personalíssima, caracterizando, ou projetando, em decorrência delas, o próprio indivíduo.

Não basta o preenchimento das condições legais ou regulamentares para aquele exercício profissional. É necessário que o auditor seja portador de algumas outras condições especiais, que o distingam da média de comportamento da sua classe e, enfeixadas, conduzam-no para o especializado campo da auditoria. A existência dessas especiais condições é que torna o profissional realizado em sua profissão, ajustado ao seu meio e sintonizado com o seu mercado. Exercitando-as, estará bem consigo mesmo, sentindo-se plenamente realizado.

São sintomas de ausência dessas qualidades o inconformismo profissional, o crônico desajustamento, a apatia diante do trabalho a ser realizado, a constante insegurança, a inexistência da "garra profissional", a sensação da aridez, da secura, da inocuidade do trabalho, da imprestabilidade, da perda de tempo. Nesse caso, o profissional

pode sentir-se como estátua fosse, sem vida, sem movimentos, sem circulação, sem nada, estático, seco, olhos parados olhando linhas imaginárias.

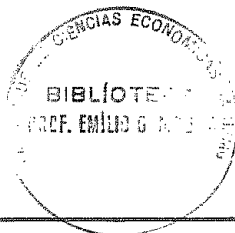
Essas condições especiais recobrem o profissional, dão-lhe vida, colorido e movimentação, integram-no ao seu trabalho, ao mercado, ao meio social, sincronizam-no com a dinâmica da vida. Elas se intitulam dons, qualidades ou virtudes e, à semelhança das evidências contábeis, são sempre concretas, partem do simples ao complexo, de fácil identificação, em alguns casos, mas difícil em outros, e, inteirados, de avaliação imprecisa, de efeitos acumulados, de resultados intrincados e surpreendentes, de mensuração individual.

De per si, cada uma delas se apresenta em graus diferenciados entre os auditores. Umás mais, outras menos. O desenvolvimento de cada também varia em função das peculiaridades do profissional. Mas com o trabalho metódico, disciplinado, constantes exercícios, podemos desenvolvê-las ao longo do exercício da profissão. Diz-se, no linguajar popular que "profissional tarimbado" é aquele que consegue executar os seus serviços com eficiência, com reduzido dispêndio de esforços e tempo. No campo da auditoria, profissional tarimbado é aquele que reúne satisfatórios graus de dons, que lhe proporcionam a condição de chegar a razoável termo no desempenho das suas atividades. A ausência de alguns dons, a sua baixa intensidade ou insuficiente existência torna vulnerável o trabalho do auditor.

Alguns dons ou virtudes, como também são chamados, necessários ao exercício da auditagem, já foram identificados, outros são questionados, dependendo do ponto de vista do doutrinador que os expõe, ou os nomeia, e outros ainda esperam ser desvendados.

Fatores vários têm contribuído para o abandono ou o negligenciamento das qualidades profissionais.

Em elegante desabafo, o Dr. Gilson Miguel de Bessa Menezes,



em sua entrevista "Assunto de Base", assim se expressou:

"Na área da auditoria, até o próprio termo auditoria era um tanto desconhecido. Falava-se mais comumente de revisão contábil. Não existia qualquer legislação prevendo ou propondo serviços de auditoria. Na verdade, as empresas existiam ou apareciam principalmente pela competência dos profissionais e pela sua capacidade em transformar essa competência em utilidades ou benefícios para os empresários. Eu gostaria de acrescentar que hoje esta deveria ser a tônica principal, para determinar a existência do serviço, ou seja, a sua utilidade, o seu benefício, mas lamentavelmente alguns empresários apenas se preocupam em cumprir uma exigência legal, promovendo assim condições para o aparecimento de profissionais de segunda linha que só prestam serviços a fim de atender às mesmas exigências, completamente distanciados, ambos, da utilidade que deve nortear a contratação desse serviço. Em países como a Holanda, até a casa Imperial contrata auditoria há mais de 200 anos, e essa contratação é função da necessidade e da utilidade dos serviços e não em decorrência de diploma legal." E, ao focar uma dura realidade, acrescenta: "Inicialmente, a maioria das empresas podia contar com profissionais mais maduros, quer no sentido propriamente da idade, quer quanto à sua formação profissional. O crescimento acelerado do nosso país e o despreparo do setor de ensino - referimo-nos principalmente ao despreparo quanto ao que é ensinado em relação ao que é utilizado - obrigaram-nos a experimentar ou a adotar um outro perfil de profissional, ou seja, hoje somos obrigados a trabalhar principalmente com jovens, sendo obrigados a complementar o seu conhecimento técnico. Com isto se deixou de trabalhar com profissionais prontos, para trabalhar com profissionais em formação, o que determinou modificações em todo processo de execução dos trabalhos no sentido de manter a necessária qualidade. O serviço

deixou de ser executado em termos individuais para ser executado em termos de equipe."

Em seu "Curso de Auditoria", 6ª ed.; A. Lopes Sá aborda o problema das capacidades: "Para o desempenho de suas tarefas o auditor precisa ter conhecimentos técnicos e gerais da mais variada natureza como: ... e continua: ... Além destas capacidades de cultura, precisa o auditor reunir outras, como: 1 - capacidade técnico-profissional; 2 - capacidade moral; 3 - capacidade física; 4 - capacidade financeira; 5 - capacidades acessórias, como: a) nome profissional; b) posição social; c) tradição profissional; d) capacidade intelectual; e) habilidade nas relações; 6 - capacidade legal (para o exercício da profissão)."

Não se trata de uma relação taxativa, mas exemplificativa. Deixo claro que outras virtudes existem.

Classificação dos dons, qualidades ou atributos

Os mais conhecidos são: a suspicácia, a perspicácia, a agilidade mental, a perseverança, a tolerância, os sentidos da oportunidade, do discernimento e comum.

Conceituação dos dons

Tirante a perspicácia, que exige explanação menos curta, as demais qualidades não envolvem dificuldades de entendimento ou compreensão.

Suspiciácia - é a dúvida científica que refluí da evidência contábil em exame que, eliminada, gerará a sua certeza, aceitação ou o questionamento do fato administrativo. É o transplante para o nosso campo profissional do primeiro princípio de René Descartes, exposto de forma engenhosa em seu famoso "Discurso do Método" - Para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas Ciências". Intitula-se "princípio da verdade ou da evidência". Diz o filósofo:

"O primeiro era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida".

Esse dom manifesta-se no procedimento do auditor em aceitar como válidos os comprovantes cujos fatos administrativos não provocaram nenhuma dúvida de legitimidade, autenticidade e ocorrência. A existência do fato é incontestável em sua veracidade ou suas circunstâncias são de tal forma que o tornam evidente.

Agilidade Mental - é a rapidez de raciocínio; em fração de segundos, entender toda a extensão e profundidade do fato administrativo, suas implicações e repercussões. Nessa velocidade o fato é avaliado, apreciado e julgado em sua plenitude.

Perseverança - é a firmeza na busca da verdade e a eliminação de todo tipo de pressão ou afastamento de óbices que são encontrados ou colocados no caminho a ser palmilhado para a obtenção do convencimento sobre a evidência contábil. É a pertinácia e a perseverança,

firmeza no trilhar os caminhos que conduzem à apuração da verdade. Muitos são os obstáculos que se antepõem à ação da auditoria. A capacidade de neutralizá-los e atingir os seus objetivos com a desejada eficiência e convicção afloram esse dom. Essa obstinação que impossibilita o desvio de rota que conduz ao objetivo previamente delineado está retratada em memoráveis páginas da literatura universal de auditoria de Victor Hugo, como seu pertinaz personagem, Monsieur Javert; na nacional, a ilustrar a firmeza no cumprimento da missão, temos o personagem consagrado no filme "O Sargento Getúlio", que tudo fez para levar ao fim a tarefa que lhe fora atribuída.

Muitos são os tipos de pressão a que se sujeita o auditor. Os mais conhecidos são: o despistamento, a procrastinação, a confusão, a intimidação, a acomodação e o alheamento.

A pressão se manifesta em teores diferenciados. Vai da forma sutil à ostensiva, da oculta à clara, da simples à complexa, da intermitente à contínua. Oscila em função da gravidade e da dimensão dos acontecimentos. Visa a neutralizar ou a esvaziar a auditoria em seus segmentos, alguns pontos de referência, em sua totalidade, ou mesmo em rebaixar o grau da sua desenvoltura ou comprometer seus resultados e conclusões.

Os Sentos comuns, da oportunidade e do discernimento o verbete de Caldas Aulete conceitua: "Senso - julgamento, raciocínio; juízo, siso, entendimento - direção, sentido. Bom senso, a aplicação da razão de um indivíduo, que lhe serve para julgar ou raciocinar nos casos particulares da vida". Após, defino o senso comum ... modo de pensar do maior número, bom senso".

Já Aurélio fornece uma conceituação mais ampla. Diz ele: "Senso - faculdade de apreciar, de julgar, entendimento; juízo, tino, siso, discricção, circunspeccção; faculdade de sentir ou apreciar, sentido. Senso comum: conjunto de opiniões tão geralmente aceitas em

época determinada que as opiniões contrárias aparecem como aberrações individuais. Senso moral - faculdade de reconhecer intuitiva e infalivelmente o bem e o mal, sobretudo nos fatos concretos. Bom senso - faculdade de discernir entre o verdadeiro e o falso. Aplicação correta da razão para julgar ou raciocinar em cada caso particular da vida":

A localização do senso situa-se na convergência de níveis filosóficos com níveis pragmáticos, envolvendo graus cultural e educacional com a prática de preceitos éticos e morais.

O senso comum deve ser avaliado como a média de comportamento de uma classe, de um agrupamento ou de uma sociedade. Há um equilíbrio dentro da heterogeneidade de reações e atitudes humanas. Adam Smith chega até a levantar a idéia de que o equilíbrio decorre da presença da "mão invisível de Deus":

Jung considera o comportamento como a exteriorização do "inconsciente coletivo".

Já o senso da oportunidade é a percepção clara do surgimento das condições adequadas para a aplicação de um determinado procedimento, ou da deflagração de um projeto, de um programa, de uma pesquisa ou de uma determi-

nada ação ou correção de desvios, retificação ou aceleração, conclusão ou iniciação de providências, encaixe apropriado de um determinado fato ou seu esclarecimento. Tipifica a conveniência da ação no momento correto.

O senso do discernimento é a capacidade de distinguir os fatos em sua total plenitude, isolando-os e os tornando proeminentes. Analisar as suas implicações e interações, sem perda da sua identidade. Distinguí-los e não confundí-los, misturando-os desordenadamente. É a sua avaliação destituída dos acessórios que os cercam.

A tolerância - é a capacidade da indulgência e da discricção. Há sempre a tendência de trombetarmos os erros, os enganos e as falhas dos outros; nem sempre admitimos o modo de pensar e de agir das outras pessoas, respeitando os seus pontos de vista, maneira de pensar e estilos próprios de atuação. Em nosso campo profissional, todo cuidado é pouco, ainda mais que é sabido que alguns princípios alicerçam-se em fatores altamente subjetivos, principalmente quando se abandona a ciência e se adentra na arte. Não cabe ao auditor julgar as pessoas ou os seus erros. O auditor expressa uma opinião, nunca dá uma decisão. O fato de apontar erros ou descobri-los não lhe dá o direito de incriminar esta ou aquela pessoa. Benignidade não significa convivência ou descumprimento do dever, suavizando ou agravando anormalidades. A atitude auditorial é a da completa neutralidade e discricção. É a atitude da reserva, da prudência, do recato. Do comportamento respeitoso, cortês, moderado, decente e digno.

O enfoque religioso dos atributos

Vejam os aspectos religiosos que abordam as qualidades ou capacidades.

Muitas vezes meditamos sobre a origem da desigualdade do homem. Não é um produto industrial, padronizado; há heterogeneidade e diversidade em tudo que lhe diz



respeito. A busca da uniformidade leva-nos à tentativa de palmilhar os caminhos da perfeição, perscrutando os insondáveis desígnios divinos. Os dons são uma dádiva divina. Vejamos algumas passagens religiosas onde eles estão inseridos.

No Alcorão encontramos várias passagens. No título segundo, sura 264, localizamos: "Oh Vós que credes, não inutilizeis Vossas dádivas, lembrando-as repetidamente ou fazendo delas pretextos para agravos, como quem gasta por ostentação diante dos homens e não porque crê em Deus e no último dia. Este se assemelha a uma rocha lisa coberta de terra: a chuva cai sobre ela e deixa-a desnuda. Tais homens nenhum benefício retiram do que possuem. Deus não guia os descrentes. Já na sura sequencial nº 269, está: "Deus concede a sabedoria a quem lhe apraz. E quem recebe a sabedoria, recebe um bem incensurável. Mas só o percebem os homens de bom entendimento." No título "A tribo de Omran", sura nº 4, temos: "Para servirem de guias aos homens. E fez descer o discernimento. Os que renegam as revelações de Deus sofrerão severo castigo. Deus é poderoso e vingativo. "Lá pelas tantas, no final desse capítulo, há a sura nº 200: "Oh, Vós que credes, sede perseverantes, tenazes, vigilantes, e temei a Deus. Quiçá vençais."

Vejamos alguns ensinamentos bíblicos:

É no Evangelho de Pentecostes que encontramos a doutrina básica sobre os dons. Vejamos a "Leitura dos Atos dos Apóstolos - (2,1-11)":

"E quando se completavam os dias de pentecostes, estavam todos juntos num mesmo lugar. E de repente veio do céu um estrondo, como de vento que assoprava com ímpeto, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E lhes apareceram repartidas umas como línguas de fogo, que repousaram sobre cada um deles. E foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. E achavam-se então habitando em Jerusalém judeus, va-

rões religiosos de todas as nações que há de baixo do céu. E tanto que correu esta voz, acudiu muita gente, e ficou pasmada, porque os ouvia a eles falar cada um na sua própria língua. Estavam pois todos atônitos, e se admiravam, dizendo: Porventura não se está vendo que todos estes que falam são galileus? E como assim os temos ouvido nós falar cada um na nossa língua em que nascemos? Parthos, e medos, e elamitas, e os que habitam a Mesopotâmia, a Judéia e a Capadócia, o Ponto, e a Ásia. A Frígia, e a Pamphília, o Egito, e várias partes da Líbia, que é comarçã a Cirene, e os que são vindos de Roma. Também judeus e prosélitos, cretenses, e arábios, todos os temos ouvido falar nas nossas línguas as maravilhas de Deus. Estavam pois todos atônitos, e se maravilhavam, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer?"

São Paulo elaborou duas famosas cartas sobre o assunto. Vejamo-las:

Carta aos Coríntios (12,1-12):

"E sobre os dons espirituais, não quero, irmãos, que vivais em ignorância. Sabeis que, quando éreis gentios, concorríeis aos simulacros mudos conforme éreis levados. Portanto vos faço saber que ninguém, que fala pelo Espírito de Deus, diz anátema a Jesus. E ninguém pode dizer, Senhor Jesus, se-

não pelo Espírito Santo. Há pois repartição de graças, mas um mesmo é o Espírito. E os mistérios são diversos, mas um mesmo é o Senhor. Também as operações são diversas, mas um mesmo Deus é o que obra tudo em todos. E a cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito. Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra de sabedoria; a outro porém, a palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito. A outro a fé, pelo mesmo Espírito; a outro graça de curar as doenças, em um mesmo Espírito. A outro a operação de milagres, a outro a profecia, a outro o discernimento dos espíritos, a outro a variedade de línguas, a outro a interpretação das palavras. Mas todas estas cousas obra só um e o mesmo Espírito, repartindo a cada um como quer. Porque assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, ainda que sejam muitos, são contudo um só corpo, assim também Cristo."

Na sua segunda carta encontramos (14, 1-6; 14, 26):

"Segui a caridade, anelai aos dons espirituais, e sobre todos ao de profecia. Porque o que fala uma língua desconhecida, não fala a homens, senão a Deus; porque nenhum o ouve; e em espírito fala mistérios. Mas o que profetiza, fala aos homens, para sua edificação, e exortação, e consolação. O que fala uma língua desconhecida edifica-se a si mesmo; porém o que profetiza edifica a igreja de Deus. Quero pois que todos vós tenhais o dom de línguas; porém muito mais que profetizeis, porque maior é o que profetiza do que o que fala diversas línguas, a não ser que também ele interprete, de maneira que a Igreja receba edificação. Agora, pois, irmãos, se eu for ter convosco falando em diversas línguas, de que vos aproveitarei eu, se vos não falar, ou por revelação, ou por ciência, ou por profecia, ou por doutrina."

"Pois que haveis de fazer, irmãos? Quando vos congregais, se cada um de vós tem o dom de compor salmos, tem o de doutrina, tem o de revelação, tem o de língua,

tem o de as interpretar, faça-se tudo isto para edificação.”

Ao abordar o magistério dos carismas, Serafino Falvo, em seu “O Derpertar dos Carismas”, advoga a idéia da não eleição do homem na absorção ou recepção dos dons:

“... Os carismas são dons gratuitos do Espírito Santo e não prêmio pelas nossas virtudes. Não se recebe esses dons por uma questão de mérito, mas por bondade do doador. Os dons são distribuídos a todos os que crêem, não sendo, portanto, prerrogativa dos santos.”

E na sua tipificação, diz:

“... Há um número indefinido de dons que são para todos. Grande é a sua diversidade para atender às necessidades de cada um e de qualquer época.”

Classificam-se os dons sob o ponto de vista tradicional ou qualitativo (sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus), e sob o ponto concreto, ou das manifestações, os quais são:

a) os carismas da palavra: o dom das línguas, da interpretação e da profecia;

b) os carismas das obras: o dom das curas, dos milagres, e da fé;

c) os carismas da cognição: o dom do discernimento dos espíritos, da sabedoria e da ciência.

O dom da perspicácia, manifestação de percepção extra-sensorial

A *Perspicácia* - é o dom mais marcante do auditor. Ele sobressai com mais intensidade na auditoria fiscal. Na conceituação de Iberê Gilson, é “a sagacidade, a intuição, a penetração, o talento para apreender os fatos expostos e perceber os latentes.” Aurélio define “qualidade de perpicaz; agudeza de espírito; sagacidade - Perspicaz: que vê bem; que observa; penetrante. Dotado de agudeza de espírito, ou que denota essa qualidade; fino, sagaz, observador. Inteligente, talentoso.”

A perspicácia é o dom do talento, da vivacidade, da sagacidade, da imaginação, da intuição e da

curiosidade. É a exteriorização da força do pensamento. Sua explicação reside no conhecimento da paranormalidade, ou da chamada atividade extra-sensorial.

Alguns aspectos noticiosos da perspicácia

Em épocas distintas, o articulista deparou com duas notícias publicadas em jornais relativas a um campeonato internacional de xadrez. Tratava-se da disputa entre Bobby Fisher e Boris Spassky, e Anatoly Karpov e Viktor Korchnoi. Em ambas as disputas havia acusações no sentido de que a paranormalidade estava sendo utilizada. Em uma, o contendor não raciocinava defronte ao outro “para não lhe transmitir o seu pensamento”, tendo sido exigido a colocação de uma placa de vidro entre os dois para anular aquele efeito, baseado no pressuposto de que a energia do pensamento se propaga em linha reta. Em outra, teria sido registrada influência telepática de terceiros. Transcrevemos duas dessas notícias. A primeira dizia:

“... Como de hábito, a partida cercou-se de vários aspectos extra-esportivos. Desta feita foi Karpov quem protestou pela presença, na delegação de Korchnoi, de dois io-

gas encarregados de ‘preparar espiritualmente’ o desafiante. Um desses iogas, o guru americano Stephen Dwyner, confirmou ter sido contratado para fins específicos: - Estou aqui para neutralizar os poderes extra-sensoriais que, segundo me informaram, o parapsicólogo soviético Vladimir Zoukhar vem utilizando para prejudicar Viktor Horchnoi. Diante dos protestos de Karpov, Florencio Campomanes, um dos organizadores do match, concordou em que os iogas permanecessem na Sala de Convenções Swank, desde que não usassem o uniforme laranja de sua seita, nem tampouco ficassem perto da delegação soviética.” A outra notícia dizia:

“Baguio, Filipinas - ‘Eu não posso enfrentar sozinho todo o Exército Vermelho’ - declarou ontem o dissidente Viktor Korchnoi, ao justificar sua decisão de não mais voltar para seu match com o campeão mundial Anatoly Karpov, sem que a última de suas exigências seja atendida: um painel de vidro, opaco de um lado, separando o tabuleiro do local onde se sentará o parapsicólogo Vladimir Zoukhar, um dos assessores de Karpov.” - Quando alguém fica olhando fixamente para você, durante cinco horas seguidas, é preciso desconfiar” - disse Korchnoi na entrevista coletiva em que firmou posição em relação ao problema Koukhar. Desde as primeiras partidas do math, o desafiante vem fazendo acusações ao parapsicólogo soviético e a toda a delegação de Karpov.” - Vim a Baguio para enfrentar o campeão mundial de xadrez e não um exército como este, onde há até um parapsicólogo cuja única função é me hipnotizar. Estou convencido de que meus problemas de tempo, vitais nas partidas que perdi, se deveram justamente a uma lentidão de raciocínio causada pelos truques hipnóticos de Zoukhar”. O painel exigido por Korchnoi permitirá ao parapsicólogo vê-lo do local onde estará sentado, mas nem o desafiante, nem o campeão o verão. Porque Korchnoi acredita que os ‘truques hipnóticos’ de Zoukhar, assim como o prejudi-



cam, estimulam seu adversário.”

Fatos estranhos avivaram preocupações com a possibilidade de dominação por intermédio da força mental. Em artigo publicado em 09 de novembro de 1983 no Jornal “Estado de Minas”, intitulado “Cérebros Controlados”, Austragésilo de Athayde explana:

“Rio-Infomações vindas de Washington dizem que cientistas e técnicos da União Soviética estão realizando progresso no desenvolvimento de armas para controlar os cérebros humanos. Não dizem quais os elementos utilizáveis, mas é fora de dúvida que neste momento a idéia de que é possível dominar os homens à distância, destruindo as fontes da sua vontade e do raciocínio, está sendo olhada já não mais como uma possibilidade e sim como uma meta a ser alcançada com segurança, por métodos científicos já em franca experiência. A microonda, ainda cheia de mistérios, seria a base desse recurso para imobilizar as superiores faculdades do espírito. O assunto é estudado no livro “A Guerra Psíquica: Ameaça ou Ilusão?”, de autoria do cientista Martin Ebon, no qual assegura-se que os soviéticos já têm estudos adiantados sobre armas psicotrônicas, com capacidade para projetar energia mental por meios diversos, inclusive microondas. Não apenas aplicada a exercícios em campos de batalha, mas capazes de uma ampliação perfeitamente admissível, de mudar a mentalidade das populações civis, tornando-as abúlicas e insensíveis aos impulsos de resistência que conduzem às lutas. E assim é a própria alma humana que passa a ser destruída, pondo abaixo todas as teorias do Livre-Arbítrio. Se tal for alcançado como consideram perfeitamente possível os analistas americanos, o materialismo lavra um tento seguro contra a espiritualidade humana. Há nos Estados Unidos investigadores sensatos e de renome que impugnam a validade dessas experiências, considerando-as como meras obras de charlatão. Tentativas semelhantes podem ser chamadas para provar que o que antes parecia químérico

acaba sendo uma realidade cotidiana. A natureza possui inesgotáveis segredos que o homem paulatinamente vai desvendando e aqui relembro, como muitas vezes tenho citado, a advertência que me foi feita pelo grande industrial americano Henry Ford: tudo quanto passa pela imaginação do homem é realizável de alguma forma. O problema está em descobrir a forma.”

Nessa linha de raciocínio, e em face das notícias que nos chegam, a capacidade energética cerebral vem sendo estudada com mais afinco pelos soviéticos. Com raias de inverossimilhança, vejamos o que disse a Revista Veja, de 23 de novembro de 1983, ao criticar o livro de Martin Ebon:

“*Superpôtências* - Arma invisível - Livro diz que URSS domina a ‘manipulação mental’ - Ao voltar de sua histórica visita à União Soviética em 1972, o então presidente americano Richard Nixon notou estranhas variações de comportamento em si mesmo e em membros de sua comitiva - como as súbitas e inexplicáveis crises de choro de seu médico pessoal, Walter Tkach. Cinco anos mais tarde, após um encontro de quatro dias com o então presidente Leonid Brejnev em Viena, foi o ex-presidente Jimmy Carter quem passou a se comportar de modo diferente do normal. Agora,

um livro recém-publicado nos Estados Unidos - Guerra Psíquica: Ameaça ou Ilusão? - sugere uma mirabolante explicação para aquelas mudanças de comportamento: Carter, e antes dele Nixon e sua comitiva teriam sido submetidos a processos de manipulação mental pelos soviéticos durante o período em que tiveram contacto pessoal com eles. Embora cheire a ficção, a hipótese encaixa-se perfeitamente no contexto das avançadas pesquisas de parapsicologia desenvolvidas na URSS, garante o autor do livro, Martin Ebon, um especialista em assuntos soviéticos. Segundo sustenta Ebon, a quantidade de tempo e recursos que a URSS efetivamente joga nestas pesquisas leva a crer que seu objetivo, a longo prazo, seja o de ter em mãos uma arma definitiva: o uso de processos extra-sensoriais para barrar mísseis em movimento e controlar a mente dos oficiais encarregados de detoná-los ou mesmo dos líderes políticos e militares adversários. No leque de detalhes sobre pesquisas soviéticas e - em menor escala - americanas compilado por Ebon, no campo da parapsicologia, a estrela é um artigo assinado pelo tenente-coronel John Alexander, em outubro de 1980, numa publicação interna do Exército americano, Military Review. Lá, Alexander afirma que o poder letal das armas operadas através da força da mente já foi demonstrado e que as técnicas soviéticas de controle mental estão bastante avançadas. O livro cita também episódios conhecidos, como a memorável disputa pelo campeonato de xadrez em 1978 entre Viktor Korchnói e Anatoly Karpov, nas Filipinas. Na ocasião, chegou-se a afirmar que Vladimir Zoukhar, apresentado como médico de Karpov e que passou todo o tempo sentado na primeira fila de espectadores com os olhos fixos em Korchnói, era, na verdade, um parapsicólogo e hipnotizador profissional contratado pelos soviéticos para assegurar a vitória de seu principal enxadrista sobre um dissidente que desertara da URSS. Antes disso, em 1963, o hoje coronel reformado Thomas Bearden percebera a pre-

sença de 'forças psicotrônicas' – a suposta interferência da mente sobre a matéria emitidas de Moscou, no naufrágio sem motivo aparente do submarino nuclear americano Thresher, no Atlântico Norte. Ebon vai ainda mais longe: sugere que o bombardeio diário de microondas radioativas sofrido pela Embaixada dos EUA em Moscou destina-se menos à espionagem, como se pensava, e mais a 'desvendar' ou 'interferir' nos pensamentos dos funcionários. Contacto com o Além – Em contrapartida, as incursões americanas no campo da parapsicologia seriam bastante modestas. O livro lembra que o ex-diretor da CIA, Stansfield Turner, admitiu em 1977 que a agência conduzia experiências com telepatia, e Victor Marchetti, autor de vários livros sobre seus catorze anos como agente de espionagem americana, contribui com a afirmação, francamente fantástica, de que a CIA tentou estabelecer contacto mediúnico com um de seus agentes em Moscou, o coronel russo Oleg Penkov, depois que ele foi descoberto e fuzilado pela KGB, em 1963. Também foram feitas experiências com percepção extra-sensorial em pelo menos um dos vôos da NASA, o da Apolo 14, em 1971 - e o astronauta Edgard Mitchell, a bordo da espaçonave, entusiasmou-se tanto que hoje dedica tempo integral ao tema. Estas pesquisas, contudo, consomem apenas uma parcela infinitesimal do orçamento de defesa americano. Ebon admite que as denúncias de 'guerra mental' entre as superpotências não passam, por enquanto, de especulação. Mas as pesquisas existem, como confirma Lisette Coly, da prestigiada Parapsychological Foundation, de Nova York. Segundo Coly, cientistas respeitadas, lá e aqui, estão avaliando seriamente as possibilidades da parapsicologia, para fins militares."

A Sensação da existência da percepção extra-sensorial

Assunto que era tratado com muito cuidado, às escondidas, nos

bastidores da ciência e da interpretação, ganhou, nos últimos tempos, as manchetes dos jornais e a atenção de especialistas, dando-lhe o cunho científico. Raro é o indivíduo que ainda não sentiu uma estranha sensação, um ruído inoportuno, um odor inexplicável, um inesperado som, a sensação de já ter presenciado ou vivido um acontecimento, uma recordação, ou, como dizem os franceses, a sensação do "dejà vu". Na audição, uma inesperada descoberta decorrente de um encaminhamento incompreensível nas diligências, exames, averiguações ou observações, ou a sensação da iminência de um fato novo, uma incomodante preocupação com determinados fatos, ou de fatos até ainda não contactados.

Há fatos que causam estranheza, mas são reais.

A natureza paranormal da perspicácia

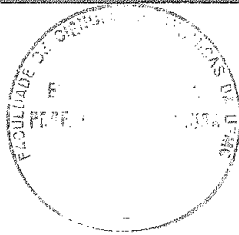
Os biofísicos asseguram que os fenômenos extra-sensoriais residem em nosso cérebro. Sabemos nós que toda concentração de energia gera sistemas de forças, direta ou indiretamente.

O sistema nervoso é composto de células chamadas neurônios.

Cada neurônio é capaz de armazenar 1,2 watt. Como o homem médio adulto possui 20 bilhões de células nervosas, deduz-se que o seu reservatório de energia pode atingir a 2,4 megawatts, o que torna o cérebro poderosa fonte de energia.

Lentamente começamos a desvendar os segredos que envolvem a estrutura neurônica: a célula em si, sua composição, a sinapse, as ligações inter-sistêmicas, e os próprios sistemas. Mas, no conjunto, ainda continua sendo um grande mistério. Até hoje, ignoramos onde se dá a reinversão da imagem óptica captada pelos nossos olhos, só para exemplificar.

Até onde vão os conhecimentos humanos. O neurônio não se regenera, não se reproduz no homem adulto. Pesquisas recentes demonstram que durante o crescimento da criança o organismo produz um hormônio específico o qual é o responsável pelo processo reprodutivo da célula nervosa. Ao atingir a fase de adulto, esse hormônio desaparece, não mais sensibilizando aquela célula. Novas perspectivas se abrem, se houver procedência na notícia estampada em jornais, a qual informa: "... Uma equipe do Instituto de Investigação do Hospital Geral de Montreal, Canadá, conseguiu regenerar células nervosas sobre mamíferos, opondo-se assim à idéia comumente aceita de que a morte das células era irreversível. Os biólogos pensavam até agora que a regeneração das fibras e células nervosas só era possível nas rãs e nos peixes, mas não entre os mamíferos, segundo explica o Dr. Aguayo. Entretanto, um tratamento foi realizado com ratos de laboratório. E o Dr. Aguayo diz que "... as manipulações do ambiente destas células deram por resultado regenerá-las e comprovar que cumpriam de novo perfeitamente suas funções iniciais. Estas pesquisas poderiam abrir eventualmente, a longo prazo, perspectivas interessantes para os cegos e paraplégicos em particular. Preocupado em não alimentar falsas esperanças, o Dr. Aguayo explicou, entretanto, que estes trabalhos estão começando, a um nível teórico e experimental."



Investigações modernas abriram um atalho promissor para a ciência. Um complexo líquido existente na ligação entre dois neurônios centra as pesquisas. Intitula-se sinapse essa conexão. Pensava-se inicialmente que este líquido apenas facilitava, como se fosse um lubrificante, ou como se cola fosse entre as células, a passagem ou a transmissão do fluxo energético. Verificaram os cientistas que o fluido não tem só aquelas funções. Há outras. A mudança ou alteração na composição dos minerais que o formam provocam reações de comportamento às vezes até antagônicas. A eliminação de certas substâncias, certos minerais ou proteínas, ou a sua acumulação, integrantes dessa complexa ligação celular, produzem fenômenos caracterizadores de neuropatias, com destaque para os epiléticos, neuróticos e para a disfunção sistêmica. São promissoras as pesquisas nessa linha científica.

A Paranormalidade - Em nota distribuída pelos organizadores do I Congresso Nordestino de Parapsicologia, realizado no Recife em outubro de 1985, seus organizadores declaram: "Desde que vem sendo estudada cientificamente, a partir de 1932, por iniciativa do psicólogo Rhine, nos Estados Unidos, a parapsicologia tem dividido bastante as diversas correntes de pensamento. Há uma linha mais comum, que defende o conceito psico-fisiobiológico, de energia psíquica, ou biopsíquica, para justificar os poderes da mente. O termo parapsicologia se justapõe, então, ao de psicologia. Esta estuda o consciente, as funções condicionadas e incondicionadas, com suas variedades de escolas: reflexológica (Pavlov), comportamental (Watson, behaviorismo), da forma (Gestalt) ou freudiana com todas as suas subespecialidades. A parapsicologia estuda forças que não podem ser medidas e, por isso, são desconhecidas. No Recife, o Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas, presidido pelo professor Valter Rosa Borges, relaciona os fenômenos parapsicológicos

em duas categorias: psi-gama e psi-kapa, adotados oficialmente no I Congresso Internacional de Parapsicologia de Utrecht, Holanda, em 1953, propostas pelos professores R. H. Thouless e B. P. Wiesner. No momento, o IPPB considera essa conceitualização muito limitada, embora a respeite, realizando estudos para chegar a modelo mais abrangente."

Diz o Prof. Marcos Alija Ramos: "Com o nome de Parapsicologia, o psicólogo americano, Dr. Joseph B. Rhine, iniciou em 1930, na Universidade de Duke, em Durham (North Caroline), sob a direção do psicólogo londrinense Wilians Douglas, alí residente, um novo tipo de pesquisas psíquicas, referentes aos fenômenos paranormais cognoscitivos da telepatia, clarividência e precognição, utilizando o método quantitativo e cálculo estatístico das probabilidades, que o levou à demonstração científica da percepção extra-sensorial (Extra Sensory Perception-ESP) e, mais tarde, à verificação da psicocinesia ou ação da mente na matéria.

A Força Mental - Linhas atrás, lembramos que o nosso cérebro constitui formidável campo de força, uma bateria energética da ordem de 2,4 megawatts. Jung, em seu "A Energia Psíquica", reconhece a existência da força psíquica.

ca, vacilando quando adentra na força do subconsciente: "... devo concordar com a opinião de Von Grot, um dos primeiros a sustentar a teoria energética da psique, quando afirma: 'O conceito de energia psíquica é tão legítimo em Ciências quanto o de energia física, e a energia psíquica tem também suas medidas quantitativas e formas diferentes, como a energia física.' "

Na introdução do seu livro, invoca o conceito do fato público e notório: "... É fato universalmente conhecido que os fenômenos físicos podem ser considerados sob dois pontos de vista distintos, a saber: do ponto de vista mecanicista e do ponto de vista energético. A concepção mecanicista é meramente causal, e compreende o fenômeno como sendo o efeito resultante de um a causa, no sentido de que as substâncias imutáveis alteram as relações de umas para com as outras segundo determinadas leis fixas. A consideração energética é essencialmente de caráter finalista, e entende os fenômenos, partindo do efeito para a causa, no sentido de que na raiz, das mutações ocorridas nos fenômenos há uma energia que se mantém constante, produzindo, entropicamente, um estado de equilíbrio geral no seio dessas mutações. O desenrolar do processo energético possui uma direção (um objetivo) definida, obedecendo invariavelmente (irreversivelmente) à diferença do potencial. A idéia de energia não é a de uma substância que se movimenta no espaço, mas um conceito abstraído das relações do movimento. Suas bases não são, por conseguinte, as substâncias como tais, mas suas relações, ao passo que o fundamento do conceito mecanicista é a substância que se move no espaço."

Ainda é Jung que nos traz ensinamentos existentes entre força e energia psíquica. Diz ele "... Devemos a Lipps uma diferenciação entre o conceito de energia psíquica e o de força psíquica. Para Lipps a força psíquica é a possibilidade de que na alma surjam processos que alcancem um determinado grau de eficácia. A energia psíquica, ao

invés, é a possibilidade, inclusa nos próprios processos, de que esta força passe a atuar.”

Serafino Falvo, em seu “O Despertar dos Carismas”, classifica os fenômenos paranormais, não sem antes ressaltar cautelas. ... Anormalidades psíquicas são as que comumente pertencem às funções extra-sensoriais. Contudo, é preciso abordá-las com cautela, visto que, poderão provir de fenômenos naturais ainda desconhecidos. Eis alguns desses fenômenos, ainda não suficientemente estudados:

– A clarevidência: capacidade de ver ou de descrever objetos distantes, ou ainda: capacidade de prever o futuro.

– A clarauição: capacidade de escutar sons e vozes distantes.

– A precognição: capacidade de conhecer as coisas que estão por vir.

– A adivinhação: capacidade de adivinhar coisas ocultas.

– A psicometria: capacidade de adivinhar as características de uma pessoa ausente e longínqua, pelo simples fato de tocar em sua fotografia ou num objeto que lhe pertence.

– A glossolalia: capacidade de falar corretamente línguas desconhecidas.

– A força física incomum e não proporcional à idade ou à robustez da pessoa e aos meios empregados.

Alija Ramos classifica os fenômenos paranormais sob o ponto de vista:

a) **Objetivo:** ideodinamismo e psicoparanormal.

ideo-plastia, psicocinésia
tele-ideoplastia e tele-
psicocinésia.

b) **Subjetivo:** percepção

extra-sensorial
telestesia, telepatia
vidência, clarividência
clariaudiência, pré e
postcognição

Os fenômenos já tipificados, não polêmicos, pela parapsicologia são: a telepatia, clarividência, preminição e telecinesia. Embora antigo, mais recentemente destacou-se o fenômeno da parapirogenia, que é

a combustão espontânea sem explicação física, e se presta à vulgarização pela exploração comercial dos fenômenos do “Poltergeist”.

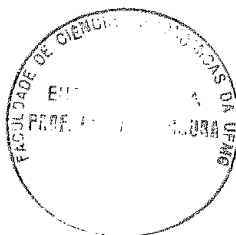
Embora interligados, foge ao espírito do artigo discutir as várias escolas, doutrinas e classificações dos fenômenos da mente e dissertar sobre elas.

Classificação das ondas ou oscilações cerebrais

Sabe-se que a presença energética neurônica caracteriza-se pela oscilação, pela vibração celular. Muitas dessas pulsações já foram tipificadas, estando elas já elencadas em 32 ítems, de acordo com os estudos de Berger. As ondas, assim também nomeadas, mais conhecidas, na classificação de Carlos Aldunate, são:

Nome	Ciclos por Segundo
delta	1 a 4
theta	4 a 7
alfa	8 a 12
beta	13 a 28

Existem excepcionais casos de intensa excitação, onde a energia neurônica poderá atingir a 63 ciclos por segundo.



O impulso normal situa-se, em termos médios, em vinte e uma oscilações. A ausência da vibração, oscilação zero, indica morte da célula neurônica.

A faixa alta é a mais estudada e conhecida; nela ocorrem com mais frequência os fenômenos mais conhecidos do povo, e as pesquisas e seus resultados são mais fáceis de serem assimilados.

Acreditam alguns que haja uma integração da força desprendida pelo organismo humano, enquanto vivo, com a energia neurônica. A máquina fotográfica de Kirlian registra os impulsos energéticos, ou os “fluidos energéticos”, a que se dá o nome de aura. A energia desprendida chama-se “elótica”. A aura mede de 7 a 11 cm, e está correlacionada com a intensidade daquela energia. Os católicos representam seus santos com um anel sobre suas cabeças, o halo. Há interpretações de que tal fato seria a representação daquela energia.

Em certas circunstâncias essa energia é sentida, percebe-se facilmente a presença do paranormal, do metagnomo, mas essa presença costuma incomodar.

Em cada uma daquelas ondas ocorrem determinados fenômenos, ou seja, fenômenos conhecidos ocorrem em determinada oscilação neurônica. Têm-se conhecimento, também de que setores do nosso cérebro trabalham em ondas diferenciadas, estando em dessincronização constante. O equilíbrio reside no resultado multifacetado cerebral. A concentração, ou o esforço de atitude humana diante de um certo problema ou de uma situação, reside na tentativa da unificação da vibração cerebral, colocando parte do cérebro a serviço da solução do problema proposto.

Essa concentração vem recebendo uma especial atenção por parte da comunidade científica. Vejamos uma interessante explicação inserida em um artigo publicado no “Jornal do Brasil” de 28 de Maio de 1986: “Chicago - Pesquisadores que estudam estados alterados de consciência começam a pesquisar uma condição denomina-

da 'o fluxo', que parece acometer pessoas em estado de concentração muito intensa. Jogadores de xadrez em partidas decisivas, alpinistas ou dançarinas, essas pessoas entram num estado de transe no qual qualquer estímulo alheio à atividade que estão realizando é ignorado. A passagem subjetiva do tempo parece alterar-se, horas fluindo como se fossem minutos, ou no caso de uma bailarina ou ginasta olímpica realizando um salto acrobático, os segundos se alongam como se fossem minutos. O psicólogo Mihaly Csikszentmihalyi, da Universidade de Chicago, explicou à Revista Newsweek que começou a formular sua teoria a respeito dos 'estados de fluxo' durante um estudo com pessoas com habilidades excepcionais: atletas, artistas e cirurgiões. Pessoas cujo trabalho exigia uma extrema concentração e que freqüentemente descreviam um sentimento eufórico de completa clareza de propósitos transmitindo-lhes um total domínio sobre aquilo que se encontravam realizando. Alpinistas sob ação do 'estado de fluxo' jamais imaginavam que pudesse escorregar e cair, sentindo-se transportados para uma condição além das limitações físicas. Este trabalho de campo permitiu a Csikszentmihalyi construir um modelo de estado de fluxo que, segundo ele, ocorre quando a tarefa que está sendo realizada e a habilidade do indivíduo se iguala. Qualquer outra combinação produz tédio ou ansiedade. Tédio quando a habilidade do indivíduo excede a tarefa em realização. Ansiedade quando o desafio imposto pela tarefa supera a habilidade do indivíduo. Para o pesquisador, sua teoria permite repensar as motivações que movem as pessoas, diferentemente da maioria dos estudos psicológicos que se voltam apenas para as formas de comportamento que possam ser modeladas experimentalmente. Frequentemente, diz Csikszentmihalyi, as pessoas são motivadas não por um desejo de recompensa, por impulsos subconscientes ou porque um determinado comportamento seja útil para a sobrevivência e sim pelo prazer derivado do estado de fluxo

como uma realidade autônoma. Medidas da atividade cerebral durante esta condição sugerem um estado neurológico especial. Um psiquiatra descobriu que enquanto a concentração mental normal geralmente aumenta a atividade no córtex cerebral, o estado de fluxo diminui o nível desta atividade. É a freqüência em que ocorre este estado que o distingue das experiências com meditação transcendental investigadas por Abraham Maslow no início dos anos 60. Maslow descreveu um estado de euforia interior semelhante, mas afirmava que ele só poderia ser experimentado umas poucas vezes ao longo de uma vida. Csikszentmihalyi, por outro lado, diz que suas observações indicam que o estado de fluxo pode ser cultivado de modo que a pessoa o experimente várias vezes por dia. Crianças ávidas por enfrentar novos desafios experimentam esta condição durante todo o tempo, diz o psicólogo de Chicago. Para ele, que diz passar 5% de seu tempo num profundo estado de fluxo, não basta desejar entrar nesta condição de percepção alterada da realidade. É preciso buscar maiores desafios e aumentar as habilidades próprias para se ajustar ao nível de dificuldades crescentes do que se realiza. Um jogador de xadrez enfrentando um amador pode jogar sem a rainha, ou de olhos vendados, entran-

do em fluxo e realizando um jogo melhor do que faria se não estivesse em desvantagem. Csikszentmihalyi consegue atualmente medir o nível de habilidade de uma pessoa para realizar determinada tarefa e a partir daí avaliar o grau de desafio necessário para colocá-lo num estado de fluxo."

Considerações finais

Sabemos pela física que toda concentração de energia gera um campo de força. A teoria atômica explica muitos fenômenos, ficou sepultada a doutrina antiga da matéria estática, morta. Prevalece a do movimento molecular.

O cérebro é uma potente máquina de produção de ondas. Aí está o electroencefalograma a medir o comprimento de certas ondas.

A paranormalidade reside naquela concentração. O comprimento de cada onda gera feixe que produz determinados acontecimentos.

Muitos acreditam que a atividade extra-sensorial é manifestação de forças cósmicas, telúricas, ou que, pelo menos o homem estaria ligado ao universo pela sua manifestação. Outros lhe dão o nome de "sexto sentido" ou então, "a terceira visão".

A atividade extra-sensorial possui nuances a longo da nossa vida. Pode manifestar-se durante toda a vida ou atingir alguns segmentos temporais, oscilar intermitentemente ou se apresentar apenas durante a execução de um serviço; pode desaparecer inesperadamente ou fenecer lentamente.

Com um bom treinamento, essa faculdade pode ser desenvolvida. Via de regra, o exercício profissional conduz a esse processo.

O articulista já teve oportunidade de observar o comportamento de auditores em pleno trabalho de campo. Os que se destacaram em sua missão apresentavam situações que se destoavam da normalidade; seus gestos, suas atitudes, a concentração de espírito que antecedia a execução dos trabalhos, tudo isso se prestou a reflexões. Lembra no

momento o comportamento de um seu falecido colega, Dr. Omar Pires, considerado um dos maiores auditores fiscais que passaram por Minas Gerais, tal a sua competência e facilidade para detectar fraudes. Em dupla com ele, foi constatado, com espanto, que sua ação era antecedida de uma forte concentração, que nele provocava até uma mudança em sua face, semblante carregado, olhos percucientes, percebendo-se uma assombrosa manifestação de força paranormal. Rapidamente identificava fraudes fiscais.

Na Auditoria Fiscal essa qualidade é desenvolvida rapidamente, desde que haja os pressupostos psíquicos. A razão reside na característica básica do desenvolvimento e objetivo final dessa ação, que é eminentemente repressiva. A Auditoria Externa, ou Independente não trabalha com o objetivo de descobrir fraudes. No campo da investigação policial também encontramos, com muita frequência, o desenvolvimento daquele atributo. Um razoável investigador apresenta um bom nível de paranormalidade.

O articulista, baseado nos princípios científicos da paranormalidade, está convencido de que o "faro", a "argúcia", o "estalo", a "intuição", o "talento", a "facilidade para detectar anormalidades", são simplesmente uma atividade extra-sensorial e uma exposição de ondas cerebrais, de certa frequência. Os auditores fiscais que se sobressaem em que trabalho, no levantamento de fraudes perpetradas, têm em alto grau de perspicácia. Tal qualidade não está ligado ao grau cultural apresentado pelo auditor. Muitos exemplos poderiam ser mencionados. Para ilustrar, citamos o caso de um colega, não muito versado em letras, que era temido pelos contrabandistas. Só de olhar para os viajantes ele identificava, na maior facilidade e sem exame de bagagem ou carga, aqueles que estavam infringindo a legislação.

Com o domínio das normas da Escola Anglo-Saxônica no campo da auditoria, nota-se um paulatino esmaecimento da perspicácia.

A organização profissional funda-se em estrutura pesada, com o afastamento rápido do auditor do seu campo de pesquisa, deixando-o a estagiários. Esse fato não favorece o desenvolvimento das forças mentais. Ademais, a não ser que o fato seja relevante e substancialmente comprometedor, não há preocupação com as irregularidades. Há uma decadência daquele atributo e coincidentemente uma perda de confiabilidade em seu trabalho.

Tal situação, entretanto, não é a da Auditoria Governamental e Auditoria Fiscal. Nessas, o profissional não se afasta do seu campo de ação e, entre outras atribuições, destacam-se as pesquisas das irregularidades e das fraudes. Campo aberto para todos aqueles que desejam exercitar suas atividades paranormais.

A perspicácia nada mais é do que a manifestação da atividade extra-sensorial, emissão de ondas cerebrais da paranormalidade.

BIBLIOGRAFIA

- A Bíblia Sagrada. *Antigo e Novo Testamento*. Trad. Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Ed. Livros do Brasil S.A., 1962.
- Aldunate, Carlos. *SJ - Carismas, Ciência e Espíritos* - Ed. Loyola, 1981.
- Boletim Informativo. Walter Heuer Auditores S/C.
- Cabral, R.J. *A Psicopatologia Geral*. Editora Santa Edwiges.
- Conselho Federal de Contabilidade. Resolução 321, de 14/4/72.
- Descartes, René. *Discurso do Método*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. Abril S.A. - Cultural, S. Paulo, 1983.

- Falvo, Serafino. *O Despertar dos Carismas*. Ed. Paulinas - 4ª ed.
- Gilson, Iberê - "Auditoria-Técnica a Serviço do Controle" Revista das Finanças-Março/Abril de 1969.
- Inardi, Massimo. *O Sexto Sentido*. Trad. de Atílio Cancian. Hemus Livraria Editora Ltda., S. Paulo.
- Jung, Carl Gustav: a) *O Desenvolvimento da Personalidade*. Trad. Frei Valdemar do Amaral, OFM. Ed. Vozes - Petrópolis, 1981; b) *O Eu e o Inconsciente*. Trad. Dora Ferreira Silva, 3ª ed. - Ed. Vozes, Petrópolis, 1982; c) *A Energia Psíquica*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. Ed. Vozes, Petrópolis, 1983.
- Lopes Sá, A. a) *Curso de Auditoria*. Ed. Atlas, 6ª ed. b) "Auditoria: Capacidade Individual e Compromisso Social" - Diário do Comércio, 23/5/85.
- Maltz, Maxwell. *Psicocibernética*. Trad. de Nadile Weneck. Ed. Record, Rio de Janeiro.
- Mulford, Prentice. *Nossas Forças Mentais - 4 Vols.* - Editora Pensamento, S. Paulo.
- O Alcorão*. Trad. Mansur Challita. Editora Associação Cultural Internacional Gibran.
- Quevedo, Oscar González. *A Face Oculta da Mente*. Edições Loyola, S. Paulo, 1981.
- Ramos, Marcos Alija. *Manual de Parapsicologia*. 1ª Série. Edições da Parapsychology Press Brasileira, S. Paulo, 1970.
- Still, Alfred. *Nas Fronteiras da Ciência e da Parapsicologia: Do Normal ao Paranormal*. Trad. de Leônidas Gontijo de Carvalho. 3ª ed. Ibrasa-Instituto Brasileiro de Difusão Cultural S.A., São Paulo, 1973.
- Sudre, René. *Tratado de Parapsicologia*. Trad. Constantino Paleólogo - 2ª ed. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1976.
- Vários Autores. *O Poder da Mente Humana*. 9 Vols. Edições Loyola, S. Paulo.
- Vasiliev, L.L. *Os Mistérios Fenômenos da Psique Humana*. Trad. José Paulo Rio Branco. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1970.
- Weil, Pierre-Arthur J. Keikman e Kenneth Ring. *Pequeno Tratado de Psicologia Transpessoal*. 5 Vols. - Editora Vozes, Petrópolis, 1978.

* Hamilton Parma
Professor do DCC/FACE/UFMG
Contador/Economista e Advogado
Auditor/Ex-Secretário de Receita
Federal em Belo Horizonte.

